

## **Rádio: do cotidiano à sociabilidade na Associação do Cego do Piauí (ACEP)<sup>1</sup>**

Lívia Moreira Barroso<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo é a apresentação preliminar da pesquisa que está sendo desenvolvida na Associação dos Cegos do Piauí (ACEP), que tem como objetivo entender a construção de sociabilidades que ocorre entre as informações transmitidas via rádio e os deficientes visuais da referida instituição, uma vez que, o veículo de comunicação citado é muito presente no cotidiano dos membros da ACEP. Para o desenvolvimento dessa pesquisa está sendo utilizado a etnometodologia que entende que a realidade é construída na prática do dia-a-dia pelos atores sociais em interação, ou seja, as relações sociais acontecem no cotidiano, nas coisas banais da vida. Por fim, com a realização desta pesquisa pretende-se contribuir para o entendimento do cotidiano e das relações sociais, onde o rádio é o principal elo de ligação entre os acontecimentos da sociedade e os deficientes visuais da ACEP.

### **Palavras-chave**

Rádio; Deficientes Visuais; Cotidiano; Sociabilidade;

### **Introdução**

Este artigo é resultado do projeto de mestrado em comunicação desta pesquisadora na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que, em linhas gerais, tem como objetivo desenvolver uma pesquisa na Associação dos Cegos do Piauí (ACEP) com a finalidade de verificar a importância do rádio no cotidiano e o seu papel na construção de sociabilidade dos deficientes visuais da referida instituição.

O interesse em desenvolver tal pesquisa veio por meio da constatação da quase não existência de pesquisas desenvolvidas em torno da relação entre o rádio e os deficientes visuais. Os poucos trabalhos existentes sobre a temática apontam que o veículo funciona como um elo entre o deficiente e a sociedade, o mesmo abre uma janela para o mundo, e assim essas pessoas que não tem acesso a outros meios de comunicação como jornais,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas/PPGC da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí/UESPI. Email: liviabarroso89@hotmail.com

televisão e internet, por exigirem dos mesmos a visão, tem um contato com os acontecimentos do mundo.

Então, neste trabalho apresento um breve resultado da pesquisa, já que esta ainda está na sua fase inicial.

### **Entendendo o público da pesquisa: o que é deficiência visual**

Com o objetivo de conceituar o que caracteriza o público escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, os Cadernos da TV Escola (2000, p. 06) consideram deficientes visuais<sup>3</sup> todas as pessoas que tem “aspectos que vão desde a cegueira à visão subnormal”.

Chama-se visão subnormal (ou baixa visão, como preferem alguns especialistas) à alteração da capacidade funcional decorrente de fatores como rebaixamento significativo da acuidade visual, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitações de outras capacidades. Uma definição mais simples de visão subnormal é a incapacidade de enxergar com clareza suficiente para contar os dedos das mãos a uma distância de três metros, à luz do dia; em outras palavras, trata-se de uma pessoa com resíduos de visão. (CADERNOS DA TV ESCOLA, 2000, p. 6)

A baixa visão ou visão subnormal e a cegueira podem ser causadas por vários motivos. De acordo com informações do site da Fundação Dorina Nowill<sup>4</sup> não existe uma causa específica para os problemas na visão. Tais problemas podem se caracterizar das seguintes formas: doenças congênitas e hereditárias, e também os problemas que podem ser adquiridos durante a vida.

As doenças congênitas mais frequentes entre as pessoas que tem problemas na visão são: catarata congênita (causada por rubéola, infecção na gestação ou hereditária), glaucoma congênito (hereditário ou por infecção), degenerações retinianas (doenças hereditárias ou diabetes) entre outras doenças. Já os problemas que são adquiridos podem ser causados por diabetes, deslocamentos de retina, acidentes ou infecções.

Ainda, segundo a página online da Fundação Dorina Nowill, não existe uma idade determinada para que uma pessoa possa apresentar problemas visuais, ou seja, uma criança

---

<sup>3</sup> É uma das questões frequentes entre as pessoas é saber qual denominação utilizar, deficiente visual ou portador de necessidades especiais. Optamos em utilizar deficiente visual, pois de acordo com os Cadernos da TV Escola sobre a cegueira destaca que usar o termo “portador de necessidades especiais” remete a alguém que carrega uma determinada necessidade, e o deficiente visual ele não porta ou carrega determinada necessidade, ele é apenas uma pessoa com uma limitação física.

<sup>4</sup> Fundação localizada na cidade de São Paulo, que desenvolve trabalhos para a inclusão de deficientes visuais no mercado de trabalho, além de pesquisar sobre a cegueira.

pode nascer cega ou com visão subnormal, assim como, a deficiência pode se desenvolver durante a vida, ou quando a pessoa já for adulta.

No que diz respeito às formas de comunicação utilizadas pelos deficientes visuais, o meio comumente usado é a leitura de textos publicados em braille<sup>5</sup> ou através da sonoridade.

No Brasil, não existe algo legal que institua a obrigatoriedade das editoras publicarem exemplares em braille, porém a Lei Federal brasileira nº 10.098, de dezembro de 2000, destaca que não deve existir empecilhos para a comunicação. De acordo com a lei, não pode ocorrer para os deficientes físicos ou mentais “[...] qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa”.

De acordo com Godoy (2002, p. 15), “o deficiente visual organiza os dados como qualquer outra pessoa, só que não se pode desconhecer é que ele tem uma dialética diferente, devido ao conteúdo que não é visual e estar muito mais ligado ao tátil, auditivo, olfativo e cinestésico”. Com um reduzido número de publicações de textos em braille, os deficientes visuais em sua grande maioria se comunicam por meio de sons.

Segundo Kirk e Gallagher (1996) as pessoas com dificuldades visuais, possivelmente, desenvolvam melhor seus demais sentidos, como por exemplo, o tato e a audição. Os autores afirmam que:

[...] uma pessoa com visão pode tender a não prestar atenção em sons do ambiente, que, por necessidade, tornam-se significativos para uma pessoa cega. Isto não significa que as verdadeiras capacidades de audição dos dois indivíduos sejam diferentes. (1996, p. 192)

A importância do som segundo os autores acima é compartilhada por Meditsch (2001), que destaca o poder do rádio justamente por usar a voz, o som como forma de comunicação.

[...] Enquanto a visão, de certa forma, provoca uma oposição entre o organismo e o ambiente – o sujeito está em face de alguma coisa que vê, enquanto não vê a si próprio – a audição, pelo contrário, provoca uma integração entre a percepção do ambiente e a auto-percepção – ouve-se a si próprio e ao entorno, num único cenário auditivo. A audição é mais interativa, por não isolar, especialmente, o sujeito do objeto da percepção. Percebemos o visto como algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós. (MEDITSCH, 2001, p.258)

---

<sup>5</sup> Godoy apud Masini (1994, p.207) “A leitura em braille é um sistema de leitura pelo tato desenvolvido, em 1892, por Louis Braille, um francês cego. São usados caracteres em relevo, em combinações diferentes de seis pontos, organizados em unidades de dois pontos na largura e três na altura. Os símbolos são trabalhados em relevo grosso, da esquerda para a direita e, geralmente, o leitor o ‘lê’ com uma das mãos e, com a outra, mantém, a posição vertical”.

### **A Associação dos Cegos do Piauí (ACEP): o ambiente de aplicação da pesquisa**

A Associação dos Cegos do Piauí (ACEP) foi fundada no ano de 1967 na cidade de Teresina, tendo como finalidade representar e defender os interesses dos deficientes visuais do Piauí. Atualmente, a instituição é considerada uma entidade filantrópica<sup>6</sup>, e atende mais de 500 pessoas com problemas de visão, oferecendo serviços como: educação, formação profissional e lazer para os seus membros.

É nesse contexto que a ACEP tem como um dos seus principais objetivos, a construção de um espaço de sociabilidade para os deficientes visuais, uma vez que muitos deles são considerados seres “inválidos” para os não deficientes e só conseguem ter relações afetivas com pessoas que compartilham das mesmas limitações que as suas.

### **Rádio: som, estimulador da imaginação e formador de imagens**

O rádio é o meio de comunicação mais democrático no que diz respeito à acessibilidade. O veículo citado é capaz de chegar aos lugares mais remotos e alcançar os mais variados públicos, sejam eles: letrados, analfabetos, videntes<sup>7</sup> e deficientes visuais, por exemplo. Por ser o único veículo de comunicação essencialmente oral, de acordo com pesquisas realizadas por outros estudiosos da comunicação, fica evidente que o mesmo é a mídia mais utilizada por que não possui visão.

Por ser um meio de comunicação onde a sua essência está na oralidade, o rádio consegue conquistar públicos diferenciados, por uma de suas características mais marcantes, que é a possibilidade do seu ouvinte criar imagens, através dos sons emitidos pelo veículo.

Para Quinteiro (2007), a forma que o locutor pronuncia as palavras no rádio é essencial para o processo de estímulo da imaginação de quem escuta. De acordo com a autora (2007, p. 138), “para um ator (locutor) a palavra não é apenas um som, é uma evocação de imagens”, ou seja, é através do bom uso das palavras que os locutores

---

<sup>6</sup> De acordo com a Revista Filantropia (2002), “Trata-se, também, de uma sociedade sem fins lucrativos (associação ou fundação), criada com o propósito de produzir o bem, tais como: assistir à família, à maternidade, à infância, à adolescência, à velhice, promovendo ainda a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e integração ao mercado do trabalho”.

<sup>7</sup> O termo videntes é utilizado pelos deficientes visuais para denominar às pessoas que tem a visão perfeita.

permitem o processo de formação de imagens na mente de quem ouve. O que segundo, Mcleish (2001, p.15) “o rádio é um meio cego, mas pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz”.

Para Guillermo Piernes (1990, p. 77) “a mente humana crê muito mais em sua própria imaginação do que no que seus olhos veem”. De acordo com o autor, o que torna o rádio mais interessante é a ausência de limitações físicas, ou seja, nesse meio de comunicação quem recebe a mensagens, não está preso às imagens já pré-determinadas, como é o caso da televisão e dos meios impressos, como revistas e jornais.

De acordo, com Emílio Prado (1985, p. 19), a ausência de imagens que poderia ser vista como um ponto negativo no rádio torna-se uma característica positiva, pois, “o ouvinte, tem que criar mentalmente a imagem visual transmitida pela imagem acústica.”

Segundo, Eduardo Mcleish (2001, p.16), os efeitos provocados pelos sons emitidos pelo rádio, afetam mais profundamente a vida de quem o ouve, mas do que imaginamos. Para ele, nesse meio eletrônico, as imagens vão além das representadas pelos demais veículos, o que para o autor, “as passagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores”.

Outros autores que creem no poder que o rádio tem de criar imagens na mente dos seus ouvintes são, Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002, p. 29), que segundo eles, “não se pode esquecer que somente as palavras podem processar o pensamento crítico, e este é um atributo que o rádio precisa usar e divulgar: a imagem não é tudo”.

Já para Godoy (2002, p. 46), “o rádio é um meio que pode criar um mundo acústico de realidade”. Para autora (2002, p. 45), esse veículo possibilita a comunicação para os deficientes visuais, sendo que “os textos lidos em uma emissora são as referências aos ouvintes que não conseguem enxergar, pegar ou apalpar”. Podemos perceber que de acordo com a autora acima citada, essa é uma das características que é de fundamental importância, e deve ser o mais auto-descritiva, para que a mensagem transmitida no rádio possa ser compreendida e imaginada por seus mais variados públicos, seja do mais letrado ao analfabeto, ou do deficiente visual ao com os sentidos perfeitos.

## O cotidiano e a comunicação: a construção de sociabilidades

O cotidiano foi definido por muito tempo como apenas algo banal, rotineiro, repetitivo. A partir dos estudos propostos pela Sociologia do Cotidiano, teórico como Georg Simmel e Michel Maffesoli pesquisam o cotidiano como realidade, método, enquanto forma abrangente e determinante no arranjo da vida social.

Para Maffesoli (1995, p. 64):

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura

Para Maffesoli (1995), o cotidiano apresenta características diferentes entre as culturas, ou seja, não é o mesmo em todos os lugares e em todos os grupos sociais. Ele é vivenciado de forma diferente por cada povo, sociedade, cada grupo vive à sua maneira. E o nosso interesse em enveredar pelos caminhos do cotidiano se faz presente devido ser no cotidiano que acontece a interação social, que atua para as sociabilidades, que são mediadas pela mídia.

No tocante à vida cotidiana, Maffesoli (1995) afirma que só tem sentido se vivenciada em coletividade, na ligação com o outro, no agrupamento social, no “estar-junto”. E o que norteia este relacionamento é a comunicação. O teórico percebe a comunicação como uma forma sensível da vida social na contemporaneidade, e tenta entender que a mesma serve como “cimento social”, ou de “cola” social para os indivíduos socialmente desfavorecidos.

Juremir Silva (2007, p. 43) ao analisar a obra de Maffesoli, afirma que “a comunicação vai além da técnica e enfatiza valores e investimentos emocionais que ultrapassam amplamente a troca de signos ou de informações no sentido utilitário do termo”. Para Maffesoli (1988) a comunicação é um laço social, que ao contrário do que se foi imaginado, o que realmente é importante para comunicação é o contato, o simples fato de “colocar em relação”.

Então, para Maffesoli viver a comunicação, não se resume a dizer algo, a expressar um conteúdo. Mas, significa estabelecer uma vida em comum, um laço social, ligar, associar, participar de uma atmosfera comum, ou seja, pôr em prática a sociabilidade. E de acordo com Silva (2007, p. 45), “comunicação para ele (Maffesoli) é sociabilidade aquilo que faz com que a sociedade não se dissolva no vácuo da lucidez extrema e da depressão. Na pós-modernidade, a sociedade assume o papel de protagonista e ganha o primeiro plano no palco do vivido cotidiano”.

### **A pesquisa em desenvolvimento**

Entendemos que a definição da metodologia é de fundamental importância para sistematizar todos os passos que vão guiar a pesquisa, uma vez que, é através da mesma que traçamos o quadro teórico do problema e desenvolvemos os métodos que irão orientar o processo de investigação. De acordo com Lopes (apud Santaella, 2003, p.129) a metodologia diz respeito aos “métodos efetivamente usados numa pesquisa”, ou seja, é “como um conjunto de decisões e opções particulares que são feitas ao longo de um processo de investigação”.

No tocante a forma de abordagem, optamos pela pesquisa qualitativa, pois, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda, sem se prender com representatividade numérica, generalizações estatísticas, por exemplo. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados, uma vez que, o pesquisador é o instrumento essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Para Santaella (2003, p.143), “embora com características próprias, as pesquisas qualitativas também obedecem a certos protocolos, tais como a delimitação e formulação claras de um problema, sua inserção em quadro teórico de referências, a coleta escrupulosa de dados, a observação, [...]”.

Do ponto de vista dos objetivos realiza-se no momento uma pesquisa exploratória. A mesma tem como objetivo proporcionar um maior conhecimento do problema com vistas a torná-lo explícito ou construir hipóteses. Nessa fase, envolve levantamento bibliográfico dos temas relacionados ao cotidiano, ao rádio e a sociabilidade. Além da pesquisa exploratória, já se iniciou a pesquisa de campo<sup>8</sup>, que consiste no uso da Etnometodologia.

De acordo com Guessier (2003, p. 159), a etnometodologia tem como principal preocupação “buscar abordar as atividades práticas, as circunstâncias práticas e o raciocínio

---

<sup>8</sup> Fase da pesquisa em andamento.

sociológico prático desenvolvido pelos atores no curso de suas atividades cotidianas, sejam estas atividades ordinárias ou extraordinárias, partindo de um raciocínio profissional ou não”.

Para o autor (2003) as relações sociais acontecem por meio da linguagem, ou seja, cada grupo social tem a sua própria forma de se comunicar, linguagem essa que é estabelecida pelos atores de cada ação.

Uma linguagem que não é ordenada e radicalmente fixa, mas que é flexível e adaptável, conforme o grupo de agentes que a desenvolve. Para os etnometodólogos, compreender o mundo social, antes de tudo, é compreender a linguagem que este mundo se utiliza para se fazer compreensível e transmissível. As ações sociais somente adquirem sentido neste contexto, ou seja, somente possuem significação quando são compreendidas pelos atores que interagem no mundo social. (GUESSER, 2003, p. 159)

Partindo desse pressuposto metodológico a pesquisa em desenvolvimento tem realizado visitas a Associação dos Cegos do Piauí (ACEP), onde esta pesquisadora pode observar os fenômenos cotidianos dos membros da associação, uma vez que, é perceptível que tais fenômenos estão em constante mudança e transformação, ou seja, “tais fenômenos são criados pelos atores para dar significação às suas ações e permitir uma compreensão das ações empreendidas pelos demais atores que coexistem com ele num mesmo contexto”. (GUESSER, 2003, p.159)

Então, na tentativa de observar a realidade cotidiana dos deficientes visuais da ACEP, realizando uma análise preliminar, percebe-se que o rádio é o veículo de comunicação quase que unicamente utilizado por o público em estudo. A programação radiofônica é pauta constante nas discussões grupo, sendo o mesmo, meio que utilizando um termo do teórico do cotidiano Michel Maffesoli, um “cimento” para a realidade social daquelas pessoas.

Além de ser um elemento fundamental para a sociabilidade, ou seja, os assuntos tratados no rádio como a política, esporte, economia e a programação musical ser de elo, sendo essas temáticas transmitidas via rádio, um suporte para que os deficientes visuais possam “estar-junto”.

### **Considerações finais**

Com a realização de uma observação preliminar, verificamos que o rádio é o principal veículo de comunicação utilizado pelos deficientes visuais, destacando-se uma preferência por programas informativos e musicais. Também, observamos que as informações veiculadas pelo rádio passam a ser assunto de discussões no grupo, ou seja, a informação radiofônica é apenas o suporte para os deficientes visuais da ACEP, mas a partir do momento em que os mesmos são conhecedores, essa mesma informação é aprofundada e faz parte do cotidiano do grupo em estudo.

Por fim, mais uma vez, vale salientar que esse artigo é apenas uma apresentação de uma pesquisa em desenvolvimento, que tem como objetivo final, a elaboração da dissertação de mestrado desta pesquisadora. Além, de ter também como finalidade contribuir com as pesquisas na área de rádio ultrapassando os limites já tão bem estudados por vários pesquisadores, como a emissão e a recepção, por exemplo. Pois, como é perceptível o rádio também é sociabilidade e cotidiano, principalmente na vida de quem muitas vezes não tem acesso aos demais meios de comunicação por limitações físicas ou intelectuais, como os deficientes visuais e analfabetos.

## Referências

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo**, São Paulo: Campus, 2002.
- GODOY, Elisângela Ribas. **Rádio: o informante dos que não enxergam**. 2002. 107f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis. Disponível em <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/10015.pdf>> Acesso em 07 jul. 2011.
- GUESSER, Adalto H. **A etnometodologia e a análise da conversação e da fala**. Em Tese: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, 2003.
- KIRK, Samuel A. e GALLAGHER, James J. **Educação da Criança Excepcional**. 3ª Edição – São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Lei Federal brasileira nº 10.098, de dezembro de 2000. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10098](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098). Acesso em: dezembro 2011.
- MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.
- \_\_\_\_\_. **O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva**. Brasiliense, 1998.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: UFSC, 2001.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

PIERNES, Guillermo. **Comunicação e Desintegração na América Latina**. Brasília: UNB, 1990.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1985.

QUINTEIRO, Eudosia Acuna. **Estética da voz**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2003.

SILVA, J. M. **Interfaces: Michel Maffesoli, teórico da Comunicação**. Porto Alegre: Revista FAMECOS, nº 25, dezembro de 2004. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/401>. Acesso em: Set. 2011.

TV ESCOLA. **Deficiência Visual**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

[www.fundacaodorina.org.br/fundacao/deficiencia.asp](http://www.fundacaodorina.org.br/fundacao/deficiencia.asp). Acesso em: jun. 2012.

[www.revistafilantropia.net.br/\\_Orf/materias.asp?Id\\_pagina=2870](http://www.revistafilantropia.net.br/_Orf/materias.asp?Id_pagina=2870)